

# Investigação em história de enfermagem: um contributo do passado para o futuro

Research in nursing history: a contribution from the past to the future

La investigación en la historia de la enfermería: una contribución del pasado para el futuro

Amélia Ferreira\*; Albertina Canastra\*\*; Alexandra Esteves\*\*\*

## Resumo

Sabemos que a enfermagem necessita cada vez mais de investigação, mas poucos são os que recorrem ao método histórico para desenvolver trabalhos, apesar de todos os métodos terem a mesma finalidade – dar credibilidade à investigação.

O presente trabalho pretende, através de uma metodologia de pesquisa bibliográfica descritiva, fornecer um panorama dos passos envolvidos na execução de uma pesquisa histórica em enfermagem, realçando a importância deste tipo de pesquisa na descoberta, consolidação e amadurecimento da profissão.

Neste tipo de estudo, o papel do investigador é fundamental, pois ele será o principal responsável na recolha de informação. A consciência das dificuldades deve estar presente em todos os momentos, devido à subjetividade inerente, pelo que a reconstrução, o mais aproximada possível, dos fenómenos será essencial para a fidelidade do mesmo.

Podemos concluir que a memória da profissão se constrói através da investigação histórica, sendo esta um desafio constante, pois sem passado não há significado para o presente nem se pode desenvolver um sentido próprio, quer como indivíduos quer como profissão.

**Palavras-chave:** enfermagem; história; pesquisa.

## Abstract

We know that nursing care needs more and more research, but few people turn to the historical method to develop their work, although we know that all methods have the same purpose - to give credibility to research.

The goal of the present work is, using a methodology of descriptive bibliographic research, to give an overview of the steps involved in the implementation of historical research in nursing, stressing the importance of this type of research in the discovery, consolidation and maturation of the profession. In this type of study, the role of the researcher is fundamental, because s/he will be the main tool for collecting information.

Awareness of the difficulties must be present at all points, due to the inherent subjectivity, and the closest possible reconstruction of the phenomena will be essential for its fidelity.

We can conclude that the memory of the profession is constructed through historical research and this is always a challenge. Without the past, there is no meaning for the present and we cannot develop a proper understanding either as individuals or as a profession.

**Keywords:** nursing; history; research.

\* Mestre em Medicina de Catástrofe. Aluna VII Doutoramento em Enfermagem da Universidade Católica Portuguesa. Enfermeira Chefe na Unidade Local de Saúde de Matosinhos, 4464-513, Porto, Portugal [ameliasferreira@gmail.com]. Morada: Rua Dr. Eduardo Torres, 4464-513, Senhora da Hora, Matosinhos, Portugal.

\*\* Licenciada em Enfermagem. Aluna VII Doutoramento em Enfermagem da Universidade Católica Portuguesa. Enfermeira Chefe na Unidade Local de Saúde de Matosinhos, 4464-513, Senhora da Hora, Matosinhos, Portugal [albertina.canastra@gmail.com].

\*\*\* Doutorada em História. Professora Assistente na Universidade Católica Portuguesa. Investigadora na Universidade do Minho – CITEC. Faculdade de Ciências Sociais, 4710-360, Braga, Portugal [estevesalexandra@gmail.com].

## Resumen

Sabemos que en enfermería se necesita investigar cada vez más. Sin embargo, a pesar de ser conscientes de que todos los métodos tienen el mismo propósito: dar credibilidad a la investigación, son pocos los que utilizan el método histórico para llevar a cabo sus trabajos.

Este trabajo pretende, a través de una metodología de búsqueda bibliográfica descriptiva, dar una visión general de los pasos que se deben seguir en la investigación histórica en enfermería, enfatizando así la importancia de este tipo de investigación en el descubrimiento, la consolidación y la maduración de la profesión.

En este tipo de estudio, el papel del investigador es fundamental, ya que es el protagonista principal de la recopilación de información. Debido a la subjetividad inherente, es fundamental conocer en todo momento las dificultades. A este respecto, reconstruir los fenómenos de la manera más aproximada posible será esencial para la fidelidad del mismo.

Como conclusión, podemos decir que la memoria de la profesión se construye a través de la investigación histórica, y esto supone un desafío constante. Sin pasado, el presente no tiene importancia y además, no se puede desarrollar un sentido propio, ni como individuos, ni como profesión.

**Palabras clave:** enfermería; historia; investigación.

Recebido para publicação em: 29.01.13

Aceite para publicação em: 29.07.13

## Introdução

A História sempre exerceu um fascínio sobre os homens que resulta do pensar que se pode encontrar no passado algumas respostas sobre si próprio (Mattoso, 1997). O mesmo acontece com a Enfermagem. Considerando a investigação um processo sistemático e racional de construção do conhecimento, podemos afirmar que a Investigação Histórica em Enfermagem constitui a pesquisa de alicerces que ajudam a suportar a história atual da profissão, construindo bases sólidas para o futuro.

A consolidação e o amadurecimento da pesquisa histórica na enfermagem exige dos investigadores, cada vez mais, o domínio de conceitos teóricos e da capacidade de produzir conhecimento histórico nesta área (Junior, 2011).

Para Polit e Hungler (1978), os passos envolvidos na execução de uma pesquisa histórica são semelhantes a outros tipos de metodologia de pesquisa científica, a diferença reside em que, na pesquisa histórica, os dados são eventos, factos, situações ou declarações do passado. Para entendermos tudo aquilo que a profissão de enfermagem representa no século XXI, é necessário voltar um pouco atrás para reconhecer, no percurso trilhado, o modo de entender o lugar a que se chegou (Nunes, 2003).

Desenvolver a investigação histórica para construir a memória da profissão é um desafio a ser enfrentado de forma crescente, pois sem um passado não há significado para o presente, nem podemos desenvolver um sentido de nós próprios, quer como indivíduos quer como grupo profissional (Vieira e Ferreira, 2008). Tal como refere Soares (1997, p. 13), “o estudo do passado da enfermagem pode contribuir, de forma relevante, para a história dos sistemas e serviços de saúde e dos próprios cuidados de saúde...”.

O conhecimento da História da Enfermagem possibilita um olhar crítico sobre os avanços e percalços da profissão, trazendo questionamentos e respostas acerca do quotidiano. O ensino e a pesquisa da História exigem, também, a consciencialização dos profissionais quanto à importância da preservação da memória da profissão (Luchesi, Amarin e Porto, 2009).

Assim, a história serve para elucidar o contexto vivido e fornecer os seus significados, contribuindo para a cultura da profissão. Também testemunha e serve

de prova. Surge-nos como a ciência do homem e da mudança das sociedades. Deste modo, é uma visão de constante reajustamento em direção à homeostasia perante novas condições políticas, religiosas, materiais, morais, intelectuais e sociais (Nunes, 2003). Este artigo tem como objetivo apresentar a pesquisa histórica como método científico, de forma a sensibilizar os enfermeiros para a sua construção em todas as suas etapas constituintes. Sendo verdade que entre os enfermeiros portugueses é grande o desconhecimento da história da enfermagem em Portugal, também é certo que se torna crescente o interesse nesta área, não só dentro da própria profissão, como entre historiadores e especialistas em outras áreas. Exemplo disto são algumas Teses de Doutoramento em História, que enfocam a evolução da profissão, como a de Silva (2010).

## Revisão da literatura

O método de pesquisa histórica caracteriza-se como uma abordagem sistemática por meio de recolha, organização e avaliação crítica de dados que tem relação com ocorrências do passado (Padilha e Borenstein, 2005). Esta abordagem não é apenas o organizar, de forma útil, o conteúdo dos documentos, pois estes só têm sentido quando inseridos numa totalidade, que é a existência do homem e o seu tempo (Mattoso, 1997).

São etapas essenciais na produção de trabalho histórico: a seleção do tema, a escolha do enfoque e a formulação das hipóteses; o levantamento da documentação e a recolha de dados; a análise, crítica e interpretação dos mesmos; e a redação de um texto científico onde se expõem os resultados e conclusões. Para Padilha e Borenstein (2005), um trabalho de investigação histórica, de forma geral, caracteriza-se por a escolha ser decorrente de algum tipo de informação, uma dose de motivação e de paciência por parte do historiador. Quando o investigador tem ao seu alcance um conjunto abundante de documentos, tem a possibilidade de fazer escolhas, colocando em evidência o que considera mais relevante para o seu estudo/trabalho e não registando o que lhe parecer ter pouca expressão. O investigador tem o dom de recriar os materiais da sua pesquisa. Ele não volta ao passado como um mero viajante em busca de relíquias, mas sim com uma intenção precisa

e objetiva sobre um problema a resolver e uma hipótese de trabalho para pesquisar. Escrever história é, portanto, tomar decisões (Storey, 2009). Observar o passado não se destina a desenterrar mortos. O que interessam são as coisas vivas que nos interpelam e nos ajudam a interpretar o presente. Sendo assim, não basta interpretar os papéis amarelados e que rondam o imaginário dos que se iniciam na pesquisa histórica (Mattoso, 1997).

O passado também deve ser procurado em cartas, fotografias, juras ou em receitas culinárias transmitidas oralmente em família. Investigar em história é manter vivo um duelo constante entre os objetos da investigação e o investigador, em que é necessário saber lidar com os obstáculos e os condicionalismos inerentes ao rigor da pesquisa de outras épocas. Refletir sobre que se passou em tempos passados, ajuda-nos a compreender e a construir o futuro. Desta forma, não podemos escolher da história apenas o que nos agrada, mas também o que nos incomoda e talvez até o que põe em causa as nossas ideias, nas sucessivas interpretações que vamos dando á realidade, nas diferentes fazes da vida. O gosto pelo passado, sem vínculo ao presente, apenas serve para aumentar a nostalgia sobre o que já passou. Importante é conseguir encontrar ligações entre os tempos passado presente e futuro, questionando o passado com os olhos do presente e com projetos para o futuro (Mattoso, 1997).

## **Etapas da pesquisa histórica**

### **Definição, justificação e escolha do tema**

Este é um elemento particular de um domínio de conhecimentos que interessa ao investigador e o motiva a fazer pesquisa na área, aumentando assim os seus conhecimentos. O seu interesse em estudar determinado tema vem, muitas vezes, no seguimento de trabalhos anteriores, que este quer explorar de forma sistematizada, podendo ainda advir de áreas relacionadas com a sua profissão, leituras efetuadas, etc. É uma etapa nobre, pois influencia o desenrolar de todas as etapas que se seguem.

O título do trabalho deve informar o leitor sobre o conteúdo, permitindo vislumbrar o tema e o período em estudo. O tema escolhido deve ter relevância social e científica e viabilidade, quer a nível dos recursos humanos, materiais e tempo

necessário para a realização de toda a investigação. A originalidade do tema deve ser um cuidado a ter pelo investigador, pois assim estará a contribuir para a criação e desenvolvimento de um novo corpo de conhecimentos. Deste modo, a investigação pode recair sobre temas que ainda não foram estudados, o que permite colmatar lacunas do conhecimento ou voltar a pesquisar temas já estudados, porém com uma documentação radicalmente renovada, partindo de bases teóricas ou metodológicas diferentes, ou rebatendo teses anteriormente aceites (Padilha e Borenstein, 2005).

### **Objetivos da pesquisa**

A definição do objetivo deve dar a indicação, clara e precisa, sobre o que o investigador pretende fazer e como o pretende fazer, explicando o quê, onde, quem e quando.

Na investigação, o enunciado do objetivo é colocado na continuação da formulação do problema, podendo, em alguns casos, o título da investigação dar uma indicação sobre o mesmo. Por vezes, os objetivos definem a natureza do estudo, o problema a resolver e a metodologia a adotar, podendo ser de natureza quantitativa ou qualitativa, mas, normalmente, será mais utilizada esta última.

Na pesquisa histórica a delimitação do espaço temporal a que se refere o estudo deve ser explicitada e justificada de modo a esclarecer o leitor dos motivos da escolha do investigador (Padilha e Borenstein, 2005).

### **O enunciado das hipóteses**

O trabalho de pesquisa assenta numa base teórica logo, as hipóteses devem ser claramente expressas, verificáveis e apoiadas numa preposição teórica, na medida em que têm por objetivo explicar um fenómeno.

As hipóteses a serem formuladas devem ser precisas e concisas (evitando as hipóteses negativas), pois consistem na resposta lógica que o investigador coloca à pergunta de partida. Na definição das hipóteses, o investigador deve ter presente que a construção do texto deve ser lógica, refletindo as mudanças que ocorreram ou ocorrem na sociedade, apresentando assim hipóteses elaboradas com base na realidade social. Estas tornam-se o instrumento mais importante para o pesquisador, na medida em que, através delas, decide que tipo de fontes deve

procurar. A hipótese formulada aponta prováveis soluções, que estão fundamentadas no conhecimento prévio que o investigador tem sobre o tema (Padilha e Borenstein, 2005).

### **O marco teórico e a revisão de literatura**

Existe uma necessidade intrínseca de ordenar o campo teórico para não se cair na tentação de caminhar desordenadamente pela história. A história da enfermagem deve ser interpretada segundo visões justificadas a partir de abordagens teóricas, onde se torna explícito quem são os atores, o palco e o cenário. O investigador deve ser imparcial e isento de juízos de valor, de forma a tentar compreender e não julgar o que se passou, sob o risco das suas convicções, por vezes apaixonadas e que a experiência histórica formou, lhe dificultarem essa compreensão.

A revisão da literatura é um inventário do conjunto das publicações relacionadas com o tema em estudo (Fortin, 2009). Só lendo o que já se escreveu se pode verificar o estado do conhecimento sobre a temática, identificando o que se sabe, o que é contestado e o que permanece desconhecido sobre o nosso tema (Vieira e Ferreira, 2008). Assim, os objetivos da revisão da literatura consistem em determinar o que já foi escrito sobre um determinado tema e clarificar a forma como foi estudado (Fortin, 2009). Quando se inicia a revisão da literatura, o objetivo principal é recolher informação sobre um determinado tema, para o qual se consultam vários documentos de referência. A diferença entre a revisão inicial e a revisão sistemática da literatura é que, enquanto a primeira permite ao pesquisador familiarizar-se com a pesquisa de documentos, a segunda permite-lhe ir mais longe na análise e na redação da informação.

A fase da revisão da literatura percorre toda a investigação, na procura de fontes que tenham relação com o tema da investigação e permitam responder às questões colocadas.

### **A recolha da informação documental**

A fase da recolha da informação documental pode ser a mais longa no processo de investigação, representando os maiores perigos na forma de possíveis atrasos e esforços inúteis (Padilha e Borenstein, 2005).

A solução mais eficaz para lidar com este tipo de problemas é localizar os documentos que se pretende estudar, evitar a dispersão de tempo e manter um

controlo apertado sobre os materiais que se vão acumulando, mediante a organização e elaboração de fichas de recolha de informação.

As fontes históricas são todo o tipo de informação acerca do que aconteceu num determinado período de tempo e da forma como essa informação foi preservada e transmitida. As fontes documentais fazem parte da memória coletiva e da história, pois são heranças do passado e cabe ao investigador selecioná-las. Podemos integrá-las na tipologia de fontes primárias ou secundárias, sendo as primeiras fontes de época e as segundas fontes interpretativas baseadas nas primeiras.

Na investigação histórica as principais fontes são as primárias, por vezes também chamadas de «primeira mão». Consistem em documentos elaborados com o propósito de transmitir informação que possa ser usada no futuro, sendo constituídas por documentos originais (atas, legislação, diários, notícias, fotografias) que não foram tratados, analisados cientificamente ou resumidos por outros investigadores. Outro tipo de fontes primárias são os testemunhos de pessoas que participaram ou observaram diretamente os factos e podem ser obtidos através de entrevistas. Estas são as chamadas fontes orais, usadas quando o objeto de pesquisa se situa num período temporal recente. Um terceiro grupo de fontes primárias são as fontes não escritas. Consistem em testemunhos históricos cuja existência não teve como objetivo deliberado e consciente o de transmitir informação para ser utilizada no futuro. Como exemplo destas fontes temos os fósseis, moedas, objetos de arte, vestuário, ferramentas, habitações, entre outros, que podem revelar muito sobre o contexto socioeconómico e cultural da época.

As fontes secundárias compreendem os trabalhos baseados nas fontes primárias caracterizando-se por serem relatos de «segunda» ou «terceira mão» dos acontecimentos históricos. No geral, estas têm um valor limitado pelas distorções que a informação sofre ao passar por vários autores e apresentam-se em relatos dos acontecimentos por meio de livros, revistas periódicas, crónicas, coletâneas, revisões de literatura, e outras obras de consulta, contendo já a interpretação de quem as escreveu. As fontes secundárias podem ser consideradas explicações de acontecimentos escritos por outras pessoas que analisaram, interpretaram ou resumiram as fontes primárias (Padilha e Borenstein, 2005).

Assim, o investigador que só utiliza fontes secundárias corre o risco de obter documentos que não são fidedignos e de valor limitado, surgindo por isso a necessidade de, sempre que possível, recolher dados a partir de fontes primárias.

O tratamento adequado das fontes históricas pode exigir a utilização de recursos técnicos, por vezes designados por ciências auxiliares da história, sendo estas todas as disciplinas científicas aplicadas para extrair de uma fonte histórica informações sobre um facto. Pode dizer-se que, em boa verdade, todas as disciplinas científicas podem desempenhar este papel em circunstâncias adequadas (Valério, 2005).

### **A crítica e a validação dos dados**

Uma vez recolhidos os dados, torna-se necessário organizá-los para assim se proceder à sua análise, determinando a qualidade e a relevância da informação. Nesta fase, os dados devem sofrer uma análise cuidadosa com a finalidade de distinguir o «falso» do «verdadeiro».

Alguns historiadores denominam este processo de crítica externa, ou avaliação da autenticidade, e crítica interna, ou avaliação da fidedignidade. Este processo deverá ser devidamente documentado já que é mediante ele que se determina quais as evidências históricas que suportam as hipóteses da investigação. A crítica externa pretende apurar a genuinidade dos documentos, procurando a autenticidade dos dados históricos (radiografias, análises físicas e químicas à tinta, pintura, madeira, pedra, etc.). Trata-se de saber se a fonte é aquilo que aparenta ser no que respeita, por exemplo, à data, local e autor. Quando se trata de história oral é importante determinar se o sujeito entrevistado esteve, de facto, no momento e local em estudo. O recurso a estas fontes deve ser feito através do cruzamento com outras, de preferência escritas, pois o carácter subjetivo das fontes de informação pode colocar em causa o rigor da investigação. Quanto maior o desfazamento temporal entre o acontecimento e a recolha do relato, maior será o risco de erro, fazendo-se jus ao ditado «quem conta um conto, acrescenta um ponto».

No que concerne as transcrições de material histórico, sempre que existam dúvidas da sua veracidade, será prudente excluí-las.

A crítica interna trata de saber se as informações transmitidas pela fonte são exatas. É a preocupação com o peso e o valor das provas, sendo realizada após

o investigador determinar a veracidade das fontes. Esta crítica, ao contrário da externa, não se prende com os aspetos físicos dos materiais recolhidos, mas sim com o seu conteúdo, avaliando-se a precisão ou o valor dos dados, pretendendo sujeitar o documento a uma análise rigorosa, baseada em questões sobre a história do conteúdo e forma do documento (Bell, 1997).

### **Análise e interpretação dos dados**

A interpretação da informação constitui, frequentemente, uma das etapas mais difíceis de todo o processo de investigação, pois é nesta fase que se tem uma visão total do trabalho, sendo necessário contextualizar todos os dados considerados significativos para o tema em estudo, fazendo as ligações entre as variáveis. Isto leva a uma reflexão intensa e um exame profundo de todo o processo de investigação. Os resultados da investigação vão constituir novas abordagens e conhecimentos sobre os assuntos estudados sendo, por vezes, necessário situá-los em relação a outros trabalhos publicados em revistas científicas. Assim, como ciência, a história jamais está completa ou é definitiva. Os seus resultados estão sempre à espera de outras interpretações e críticas que lhe atribuam sentido (Junior, 2011).

O investigador deve procurar ser muito sensível ao material utilizado e mostrar um equilíbrio entre as forças do seu interesse, o interesse social e o interesse histórico (Padilha e Borenstein, 2005). Deve ainda planear a história partindo dos dados obtidos, usando o tempo e o espaço para fazer um balanço, e construir a história criticando os dados em simultâneo, pois nunca será totalmente imparcial na sua interpretação, no entanto deve ser totalmente honesto (Vieira e Ferreira, 2008).

### **Escrever a narrativa**

A narrativa histórica é o final do processo da investigação histórica, em que o investigador, partindo da interpretação dos dados, explica o que aconteceu, como e por que motivos.

“(…) a narrativa coloca-se como a possibilidade de uma simbolização, através da escrita, do que não foi simbolizado na história, porque ausente, embora esta ausência pudesse ter se constituído, ou se constituir ainda (...), em cenas organizadoras da história” (Cardoso, 2000, p. 3-13).

O trabalho final do investigador deve aparecer também como um momento de reflexão e não como

um produto acabado, tentando captar a atenção do público-alvo, pois os seus resultados estão sempre à espera de novas interpretações e críticas que lhe atribuam sentido (Junior, 2011). Uma pesquisa termina quando os seus resultados são dados a conhecer ao público que pode, então, apropriar-se do produto e avaliá-lo, decidindo pela sua incorporação, ou não, na sua prática, seja ela ativa ou reflexiva (Sanna, 2011).

## Conclusão

Atendendo ao progresso da ciência e da tecnologia, os desafios para este século estão apenas no início, tendo a investigação em enfermagem um papel primordial na promoção de uma melhor resposta às necessidades da população em matéria de saúde.

Esta tarefa pode ser facilitada pelo conhecimento da história da profissão, pelos avanços e recuos e pelas conquistas nas diferentes áreas do saber.

A investigação histórica obedece a uma série de etapas, fundamentais para a produção de um trabalho onde é possível agregar um amplo campo de conhecimentos, tendo como produto final uma história mais ampla, teoricamente consistente, com diferentes significados e perceções, obtendo um conhecimento aprofundado da história da profissão e identidade dos seus profissionais.

## Referências bibliográficas

BELL, Judith (1997) - Como realizar um projeto de investigação: um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação. Lisboa: Gradiva.

CARDOSO, I. (2000) - Narrativa e história. *Tempo Social*. Vol. 12, nº 2, p. 3-13.

FORTIN, Marie Fabienne (2009) - *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Loures: Lusodidata.

JUNIOR, Osnir Claudiano da Silva (2011) - Pesquisa documental. In OGISSO, Taka ; CAMPOS, Paulo ; FREITAS, Genival - *Pesquisa em história de enfermagem*. São Paulo : Manole. p. 339-363.

LUCHESE, L. B. ; AMORIN, W. M. ; PORTO, F. (2009) - Ensino da metodologia de pesquisa em história da enfermagem: avaliação de estratégia pedagógica para a graduação. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online*. Vol. 1, nº 2, p. 434-446.

MATTOSO, José (1997) - *A escrita da história: teorias e métodos*. Lisboa: Estampa.

NIGHTINGALE, Florence (2005) - *Notas sobre enfermagem*. Loures: Lusociência.

NUNES, Lucília (2003) - *Um olhar sobre o ombro*. Loures: Lusociência.

OGISSO, Taka ; CAMPOS, Paulo ; FREITAS, Genival (2011) - *Pesquisa em história de enfermagem*. São Paulo: Manole.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza ; BORENSTEIN, Miriam Susskind (2005) - O método de pesquisa histórica na enfermagem. *Texto e Contexto Enfermagem*. Vol. 14, nº 4, p. 575-584.

POLIT, D. F. ; HUNGLER, B. P. (1978) - *Principles and methods. Nursing research*. Philadelphia: J.B. Lippincott.

SANNA, Maria Cristina (2011) - Biografia. In OGISSO, Taka ; CAMPOS, Paulo ; FREITAS, Genival - *Pesquisa em história de enfermagem*. São Paulo: Manole. p. 301-339.

SILVA, Helena Sofia Rodrigues (2010) - *Do curandeiro ao diplomado: história da profissão de enfermagem em Portugal (1886-1955)*. Braga: Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho. Tese de doutoramento.

SOARES, Maria Isabel (1997) - *Da blusa de brim à touca branca*. Lisboa: Educa/Associação Portuguesa de Enfermeiros.

STOREY, William Kelleher (2009) - *Writing history: a guide for students*. New York: Oxford University Press.

VALÉRIO, Nuno (2005) - A investigação histórica nos dias de hoje. In *Ensaio de homenagem a Francisco Pereira de Moura*. Lisboa: Instituto Superior de Economia e Gestão. p. 201-214.

VIEIRA, Margarida ; FERREIRA, Jorge Sousa (2008) - Investigação histórica: um instrumento para o desenvolvimento profissional. *Revista Servir*. Vol. 56, nº 5, p. 167-172.